



---

## Vivências de estágio: espaços de aprendizado, vigilância, punição e controle

**Vinicius Fonseca**<sup>1</sup>

Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ/FEBF

**Resumo.** Na oportunidade de vivenciar a experiência do estágio supervisionado II, foram observados pontos de extrema relevância para a construção do olhar para o ensino de Geografia na escola pública. Inexistência de material didático, ausência de recursos didáticos, turmas lotadas, desmotivação e professores despreparados são realidades existentes que dificultam e provocam o olhar científico sobre as práticas pedagógicas utilizadas. Além das dificuldades mais nítidas, problemáticas quanto à constituição da base construtivista da escola nos fazem pensar sobre qual/quais realmente são as bases praticadas no cotidiano escola. Estamos trilhando caminhos para uma educação que pode ser libertadora? Orientados por essa questão, constatando situações educativas pautadas no controle e na punição dos sujeitos, refletimos aspectos behavioristas e construtivistas no cotidiano escolar.

**Palavras-chave:** Construtivismo; behaviorismo; espaço escolar; controle; punição.

### **INTERSHIP EXPERIENCES: SPACES FOR LEARNING, SURVEILLANCE, PUNISHMENT AND CONTROL**

**Abstract.** In the opportunity to live the experience of the supervised internship II, Extremely relevant points were observed for the construction of the perspective of Geography teaching in public schools. Inexistence of didactic material, absence of didactic resources, crowded classes, lack of motivation and unprepared teachers are existing realities that hinder and weigh the scientific view on the pedagogical practices used. In addition to the clearer difficulties, problems regarding the constitution of the constructivist basis of the school make us think about what/which are really the bases practiced in school daily life: are we treading paths to an education that can be liberating? Guided by this question, noting educational situations based on the control and punishment of subjects, we briefly reflect on practices behaviorist and constructivist discourses in the school space.

**Keywords:** constructivism; behaviorism; school space; control; punishment.

---

<sup>1</sup> Licenciando em Geografia na Faculdade de Educação Baixada Fluminense - UERJ/FEBF. E-mail: [viniciusmoraes.geo@gmail.com](mailto:viniciusmoraes.geo@gmail.com). ORCID 0000-0001-5349-3855

### **VIVENCIAS DE PASANTÍA: ESPACIOS DE APRENDIZAJE, VIGILANCIA, CASTIGO Y CONTROL**

**Resumen.** En la oportunidad de vivir la pasantía supervisada II, se observaron puntos sumamente relevantes para la construcción de una perspectiva sobre la enseñanza de la Geografía en las escuelas públicas. La falta de material didáctico, la falta de recursos didácticos, las clases abarrotadas y la falta de motivación de los docentes son realidades existentes que provocan una visión científica de las prácticas pedagógicas utilizadas. Además de las dificultades más claras, los problemas relativos a la constitución de las bases constructivistas de la escuela nos hacen pensar en qué bases se practican realmente en la vida escolar cotidiana. ¿Estamos siguiendo caminos hacia una educación que pueda ser liberadora? Guiados por esta pregunta, observando situaciones educativas basadas en el control y castigo de los sujetos, reflejamos aspectos conductistas y constructivistas en la vida escolar cotidiana.

**Palabras clave:** constructivismo; behaviorismo; espacio escolar; control; castigo.

## **Apresentação da unidade escolar**

A escola escolhida para realizar o estágio se localiza em Vilar dos Teles, no município de São João de Meriti. O espaço escolar é muito confortável e espaçoso, possuindo a melhor infraestrutura dentre as observadas na região, contando com salas espaçosas (12 no total), pátio grande, refeitório novo e bem cuidado, quadra grande, piscina e auditório.

As turmas se organizam no período de manhã, tarde e noite, sendo: 4 turmas de 6º ano, 4 turmas de 7º ano e 4 turmas de anos iniciais, além de 2 turmas de EJA exclusivas do período da noite. Ao todo são 8 turmas de 6º, 7º e anos iniciais e 2 turmas de EJA.

No que diz respeito ao entorno da unidade escolar, segundo os alunos e funcionários da instituição, hoje está situada em uma área onde a criminalidade está crescendo, principalmente, no período da noite.

## **Hino Nacional, material didático e inclusão: cotidiano daqueles que “não conseguirão ser alguém”**

A escola recebe os alunos nos horários de 7h-7h30min, onde se tem início das atividades escolares. O primeiro evento das manhãs de terça é a apresentação do Hino Nacional e o Hino de São João de Meriti, embora os alunos apresentem resistência quanto a cantar. Como uma penalidade, os alunos que não cantarem, ficam sem 10 minutos do recreio, o que acaba fazendo “com que eles se esforcem”, segundo a diretora. Além disso, o Hino passou a ser tocado todos os dias, em virtude do desfile de 07 de setembro.

Em sala de aula, o professor utiliza a estratégia de passar todo o conteúdo no quadro, como uma espécie de resumo para os alunos copiarem, enquanto isso eles ficam livres pela sala de aula. A turma em questão (7º ano) possui alunos do programa de inclusão, cada um com sua mediadora. Os alunos da inclusão se sentem muito incomodados com o barulho fora do normal que as salas de aulas se encontram e as mediadoras não fazem tanto esforço para ajudar. Como os alunos não possuem livro didático, o professor,

em algumas turmas, leva folhinhas extras com o conteúdo estruturado em tópicos, embora o mesmo nem utilize essas folhas como ferramenta em sala de aula.

Os funcionários, em geral, têm uma postura punitiva para com os alunos. Geralmente eles se comportam quando estes ameaçam retirar alguma coisa deles ou dar alguma punição, de modo amplo. Em sala de aula, não é diferente. O professor utiliza de chantagens e vantagens para os alunos, com a intenção de deixá-los quietos durante a explicação.

Nas turmas de 6º ano (segundo a diretora e os professores, as piores turmas da escola) o professor tenta utilizar materiais didáticos diferentes: mapas, imagens, desenhos e vídeos, mas acaba caindo na aula “decoreba” sempre. Um ponto interessante observado é que os alunos nunca são sujeitos e agentes da construção do conhecimento, sempre estão na posição passiva. As turmas do 6º ano também possuem alunos no programa de inclusão.

Durante os intervalos, as crianças se divertem bastante pelo pátio e pela quadra. Os inspetores ficam vigiando e sempre possuem uma “carta na manga” com uma punição severa. Quanto à alimentação, os alunos adoram a comida da escola e sempre estão bem animados com o cardápio diversificado, possuindo somente uma crítica: segundo os próprios alunos, eles sentem saudade quando o refeitório servia suco de fruta e frutas frescas após as refeições. Segundo a diretora, no recesso escolar, as frutas estragaram com muita rapidez e eles estão aguardando pelo novo estoque.

Assim como na manhã, o turno da tarde se inicia às 13h com a entrada dos alunos e a apresentação do Hino Nacional e de São João de Meriti. Foi no período da tarde que descobri que a escola não possui projetores, que é um recurso importante visando tornar as aulas mais dinâmicas. Além disso, nem mesmo os professores possuem livro didático! Os mesmos sempre estão relatando suas dificuldades para preparar todas as aulas.

As turmas da tarde são, no geral, mais agitadas e na nossa percepção os professores não conseguem uma boa relação com os alunos. Até mesmo as mediadoras manifestam comentários ofensivos: “aí, fulano, desse jeito você nunca vai conseguir ser alguém”, “você acertou essa resposta? Deve ter

colado né?” e “você são um caso totalmente perdido nessa escola”.

Assim como no período da manhã, o professor usa o sistema de recompensas para tentar fazer os alunos se interessarem, mas no final as aulas são sempre monótonas. Somente alguns alunos gostam de participar, porém os discentes não conseguem acompanhar e manter o foco, pois a sala está sempre com muito barulho e com muita indisciplina. No turno da tarde, o professor tem bastante autonomia, porém, no turno da manhã a opinião dos pais ainda é muito forte. Já houve casos de professores que tiveram que ser transferidos por falarem de “temas políticos” em sala.

Foi interessante observar que os temas das aulas ao longo do dia eram muito bons e fazem diversos diálogos com o cotidiano dos alunos (hidrosfera para o 6º e transportes no Brasil para o 7º ano), porém a aula sempre acontecia como uma verdadeira guerra: o professor lutando para falar, os alunos totalmente desmotivados e alguns tentando compreender alguma coisa no meio do caos.

No cotidiano escolar, decidi conversar um pouco com a diretora e com alguns funcionários da limpeza. A diretora acredita firmemente que a escola é um modelo de escola pública no bairro, embora esteja ciente da falta de recursos básicos, como exemplos suco para os alunos, livro didático, banheiro na sala dos professores e projetor disponível para os professores. Ela diz que a escola segue os moldes do construtivismo e que há uma forte luta pela diversidade e igualdade, embora muitos alunos reproduzam falas problemáticas (misóginas) e não são advertidos pelos professores (claramente com medo) e os demais funcionários.

Já os profissionais da limpeza reclamam muito da falta de educação da maioria dos alunos: “Jogam lixo no chão, jogam muita comida fora da lixeira e não se comprometem com a limpeza básica da própria sala de aula”. Penso se não seria interessante organizar um evento sobre educação ambiental na escola e práticas cotidianas que fazem toda a diferença.

## **Escola construtivista, práticas behavioristas e as tentativas de inclusão: problemática observada no estágio**

Durante o período de observação do estágio II, me chamou atenção as abordagens que os funcionários da escola, especificamente o professor de Geografia, possuíam com os alunos do 6º e 7º ano do ensino fundamental. A intenção desta produção é, então, analisar os processos de aprendizagem que, ao pensar os moldes defendidos teoricamente como estruturais da escola (construtivismo), percebendo que existem pontos que não dialogam com a proposta de Piaget, por exemplo, e sim com um modelo Behaviorista e com processos denunciados na obra foucaultiana, na maioria das vezes, e como esses processos afetam o ensino e aprendizagem de Geografia.

A construção do conhecimento e o ambiente em sala de aula, apontam para a lógica de Skinner, onde o professor precisa ajustar, através das contingências de reforço, o comportamento dos alunos a fim de se obter o melhor resultado possível (SKINNER, 2003). Percebe-se claramente que a lógica punitiva e de aplicação de reforços de Skinner está constantemente acontecendo em todo o âmbito escolar em questão: os professores dando recompensas e premiações caso um determinado comportamento ideal seja alcançado (reforço positivo) e a retirada de algum elemento importante (como o recreio, por exemplo) também com a intenção de reforçar um comportamento que é ideal. Até mesmo a presença do hino nacional e do município todos os dias, com a intenção de alterar a forma com que os alunos veem o hino, é uma aplicação do reforço positivo. Tudo que foge da norma, deve ser corrigido e punido (CACIANO; SILVA, 2012).

Em sala de aula, durante a explicação, o professor usa dessas contingências para fazer com que os alunos participem e realizem as tarefas. Também é interessante ressaltar que assim como defendido por Skinner (1972) o aprendiz deve somente avançar para o próximo nível de complexidade, após conseguir dar conta do nível anterior (essa testagem deveria ocorrer de maneira individual), porém o professor possui muita dificuldade nessa aplicação, uma vez que a sala de aula possui mais de 35 alunos.

Percebemos também a ideia de Foucault na construção do espaço escolar como um espaço de modificação e adestramento dos sujeitos

(discentes): a forma com que os docentes vigiam e aplicam punições/premiações aos alunos reforçam um comportamento que deve ser seguido ou repudiado. Afinal, Foucault defende que essa mecanização dos sujeitos é uma estratégia econômica e política para retirar o máximo rendimento possível das massas de trabalhadores no futuro (CACIANO; SILVA, 2012).

Um debate necessário para esta questão escolar observada é sobre a organização de uma rotina escolar pragmática, muito bem seguida e inflexível, na maioria das vezes. Caciano e Silva (2012) apontam para o questionamento das escolas terem “hora do lanche”, “hora da aula”, “hora do sono”, “hora do almoço” e “hora do hino” e para as intencionalidades dessa fragmentação do dia em pequenas rotinas. Criar rotinas escolares são estratégias pedagógicas que auxiliam a realização das atividades e facilitam o processo de aprendizado, porém, observamos que essas rotinas são utilizadas apenas para controlar aqueles discentes em espaços delimitados e para reforçar a ideia no discente de um ser subordinado e obediente, com o excesso de vigilância, controle, punições por parte dos funcionários da instituição.

A Geografia está longe de ser uma ciência acabada e com respostas limitadas, porém compreendendo as teorias de psicologia comportamental, seus vieses pedagógicos, e analisando a postura do professor ao avaliar os alunos, fica claro que a proposta não é fazer os alunos refletirem ou produzirem respostas e sim decorar os dados e respostas já prontas pelo docente. Qualquer resposta pessoal dos alunos é descartada e dada como errada, mesmo que faça sentido.

Adentrando no âmbito da aula de Geografia em si, é interessante perceber que o professor em certos momentos tenta adaptar a aula com dispositivos metodológicos pautados no construtivismo, uma vez que leva objetos de conhecimento para sala de aula, porém, acaba não conseguindo fazer com que os alunos sejam sujeitos de construção nesse processo. Ainda não se valoriza a experiência vivida e o saber cotidiano dos alunos e ainda não é dada voz às múltiplas inteligências (GARDNER, 2009) presentes no espaço da sala de aula.

Uma prática, por exemplo, adotada é a da construção do conhecimento defendida por Bruner (SIPEC, 2017 apud BRUNER, 1973b): o professor estimulava os alunos a buscarem notícias, obter dados e levantamentos sobre o tema da aula. Esta estratégia é, para Bruner, indispensável no processo de ensino, pois o aluno é motivado a continuar aprendendo com as descobertas autônomas, mediadas pelo professor, e isso é parte de transformar o aluno em ativo no processo ensino-aprendizagem.

Pensando o ensino de Geografia, conseguimos entender essa estratégia como uma proposta de fazer do aluno pesquisador e parte do espaço local/global. Obtive também acesso ao cronograma do professor com as turmas e percebi que a sequência didática escolhida pelo mesmo também segue ideias de Bruner: currículo em espiral. Onde o discente verá várias vezes, ao longo da formação, o mesmo conteúdo só que em escalas diferentes de complexidade. Fica nítido essa ideia quando a sequência didática do professor apresenta, por exemplo, o tópico de biomas (no sexto ano) e o mesmo tópico se repete no 7º ano, porém, na especificação biomas do Brasil, com mais detalhes e de forma mais complexa.

Portanto, é importante ressaltar que somente algumas aulas de Geografia realmente foram guiadas por uma perspectiva de construtivismo. Não existe teoria de aprendizagem correta e nem mesmo devemos seguir apenas vertente, porém, é notório que a construção de uma aula de Geografia que realmente dialoga com a realidade do aluno, valorizando escalas locais e globais, que combate às desigualdades, que favorece a criação de uma análise espacial crítica e que usa de métodos mais desejados pelos alunos, ainda carece.

## **Tempo que resta para a Geografia: Desafios desde cantar o Hino a ser uma escola construtivista**

Num dos dias de estágio, a turma acompanhou o Hino nacional e do Município com mais seriedade, embora estivesse estampado nos rostinhos deles que eles odiavam a ideia e que prefeririam estar em qualquer lugar que

ali. Nesse cenário, descobri que a turma que cantasse melhor o hino seria premiada com mais 20 minutos de intervalo, que seriam retirados 20 minutos de alguma aula deles durante a semana.

Nesta semana as turmas da manhã estavam mais calmas, talvez a agitação da semana anterior tenha sido pelo motivo de ser o segundo dia após o recesso escolar e os alunos estavam animados. Um comportamento que consigo destacar foi que em algumas turmas do 7º e 6º alguns alunos começaram a tentar registrar o conteúdo no caderno e a exigir que os colegas ficassem quietos durante a explicação dos professores. De modo geral, pude perceber que neste turno de manhã os professores usam uma abordagem gradual da construção do conhecimento.

No turno da tarde o rádio que toca o hino nacional e do município parou de funcionar e, sem nenhuma dúvida que isso aconteceria, os alunos todos comemoraram sem nenhuma vergonha. Como punição pela comemoração, todas as turmas ficaram sem o primeiro intervalo.

Em relação aos tempos de aula de Geografia, na semana em questão, o professor explicou para as turmas como funcionará a próxima avaliação: será dividida em 3 partes: 1) apresentação de um seminário; 2) prova escrita e 3) trabalho escrito. A parte da apresentação do seminário foi, sem dúvidas, a parte que mais elevou os ânimos dos alunos.

Os discentes do 6º ano levaram uma pesquisa de uso da água e desperdício para o professor, que desenvolveu a aula em torno da pesquisa dos próprios alunos que estavam bem mais interessados. Um deles comentou com o professor que fez uma música sobre o ciclo da água e o mesmo ignorou completamente. Penso que a aula poderia ser muito mais dinâmica e produtiva se estivesse dialogando com múltiplas inteligências dos alunos. Apenas na entrega dessa pesquisa, podemos notar que os alunos possuem inteligências distintas e elas se refletiram na elaboração da tarefa: alguns alunos entregaram os dados em forma de gráfico, outros entregaram em um texto corrido, outros esquematizaram em desenhos.

Nas aulas do 7º ano, os alunos são retirados da sala para cantar o hino, já que o rádio voltou a funcionar, sobrando apenas 20 minutos para cada aula

no sétimo ano. Ou seja, preferiram levar os alunos para cantar o hino que permanecer na sala para ter aula de Geografia. Nesse pouco tempo de aula, o professor se esforçou para continuar o tema de Transportes no Brasil, classificando-os quanto às suas modalidades. Os alunos estiveram bem participativos e deram diversos exemplos de suas experiências pessoais que se relacionam com as características do modal: "professor, eu prefiro andar de metrô porque é bem mais rápido e não tem trânsito". Os minutos seguintes eram apenas alunos totalmente chateados, na quadra, por terem que cantar o hino mais uma vez.

## Considerações finais

Conclui-se que, a partir das experiências vividas no cotidiano escolar, ainda temos muito que aprender e ensinar sobre as questões de inclusão e reconhecimento do diferente em sala de aula, tal como temos muito a questionar sobre o papel da Geografia e de seus docentes na escola e na vida dos alunos.

Os resultados observados sinalizam para escolas que não se pretendem dar qualquer suporte educacional para os alunos (com a ausência de material didático e recursos pedagógicos presentes na mesma, suporte emocional com comentários ofensivos, falta de incentivo e punições mais que desnecessárias) e, muito menos, não se pretendem a realmente formar indivíduos críticos, se adotam práticas quase alienantes sujeitas a punições, e partindo sempre do princípio de que as aulas serão sem qualquer ar de criticidade.

## Referências

CACIANO, Caroline; SILVA, Giuliana Arboite da. **Foucault e educação: as práticas de poder e a escola atual.** Revista e-Ped-FACOS/ CNECO, v. 2, n. 1, p. 224-261, 2012.

GARDNER, Howard; CHEN, Jie-Qi; MORAN, Seana. **Inteligências múltiplas.** Penso Editora, 2009.

SIPEC, I. **A teoria de aprendizagem de Bruner e o ensino de ciências**. Arquivos do MUDI, v. 21, n. 3, p. 13-25, 2017.

SKINNER, Burrhus Frederic. **Tecnologia do ensino**; tradução de Rodolpho Azzi. São Paulo, Herder, Ed. da Universidade de São Paulo, 1972.

SKINNER, Burrhus Frederic. **Ciência e comportamento humano**. 2003.